

MÚSICA

Nº 45

Cr \$50,00



O som e o humor de Alceu Valença

Raul Ellwanger chegou para ficar

A vez de Earth, Wind & Fire

MÚSICO PROFISSIONAL
Fundação das Artes de São Caetano: ensino inovador
Suguiyama, o japonês que faz violões artesanais
Smetak e seus loucos instrumentos

Os monstros sagrados do rock morreram há 10 anos

Adoniran Barbosa, o poeta de São Paulo

A música de Beto Guedes

Nueva Trova Cubana: Silvio Rodrigues e Pablo Milanés

REPORTAGENS INÉDITAS, ACOMPANHADAS DAS MELHORES MÚSICAS CIFRADAS PARA VIOLÃO E GUITARRA

NADA MAIS, NADA MENOS QUE CHICO BUARQUE, FRANCIS E OLIVIA HIME



Chico, Francis e Olívia: parceiros e amigos

Valdir Moura de Souza

A entrevista estava marcada com Francis, em sua casa, no Jardim Botânico. Lá chegando, apenas Silvia Wolfensen, sua divulgadora é encontrada. Logo diz: 'Francis está na casa de Chico e pergunta se você prefere esperar uns dez minutos, ou vai até lá'. Resolvemos ir até a Gávea para ganhar tempo. Na casa de Chico estão Sérgio Carvalho, produtor de todos os seus discos, sua mulher e Francis. Eles discutem sobre o próximo trabalho de Chico em disco. O último pela Phonogram, ou melhor, Polygram.

Chico oferece cerveja e serve. Como sempre, está com a agenda cheia e não terá tempo para as fotos. Ele e os Hime vão ao estúdio, terminar de ouvir uma fita, não sem antes pedir para esperarmos uns dez minutos. Minutos esses, que são multiplicados por dez. Resolvemos marcar a matéria para o dia seguinte, sábado às doze e trinta. Não tão pontualmente, todos estão presentes.

A conversa tem início com o Francis, que dá uma idéia geral do início da parceria com Chico. E nesse instante surge Chico, de cabelo molhado, deixando claro ter acabado de sair de um banho, e lembrando ter ganho uma garrafa de uísque importado, que havia apostado com Francis por sua impontualidade.

Tomando seu lugar na mesa dá continuidade a entrevista.

Estávamos falando sobre o trabalho de parceria, que teve início com a música "Atrás da Porta". Como é que surgiu a letra?

Chico — "Atrás da Porta" foi uma coisa rara para mim. Comecei a fazer essa música numa festa, em Petrópolis. Ele (olha para Francis) tocando a música e daí, comecei a fazer a letra. Mas ficou faltando metade, a segunda parte. Resolveram gravar. Menescal levou a fita pra mim, com Elis Regina cantando. Mas não tinha o final. Então tive que terminar a letra, e liguei pra ele que estava em Los Angeles e tal.

Como aconteceram as outras parcerias com Francis?

Chico — Bom, Francis tinha uma porção de músicas, por sinal ainda tem, sem letras. E assim, sempre que aparecia um trabalho, um disco pra eu fazer, ou mesmo um filme (a gente fez muita coisa pra cinema e pra teatro também), sentávamos e mandávamos brasa. Ele tocava umas trinta músicas (rindo) sem letra e aí eu ia botando letra nelas. Cada uma delas tem uma história. Pra esse filme do Alex Viany — "Noiva da Cidade" — fizemos umas quatro. Por exemplo, "Passaredo", "Quadrilha" e "Embolada". Fizemos música para a peça do Dias Gomes, *Rei de Ramos* e muitas avulsas pra disco.

Você falou que cada música tem uma história. Dá pra você citar uma história interessante?

Francis — "Valsa Rancho", eu apanhei paca (rindo).

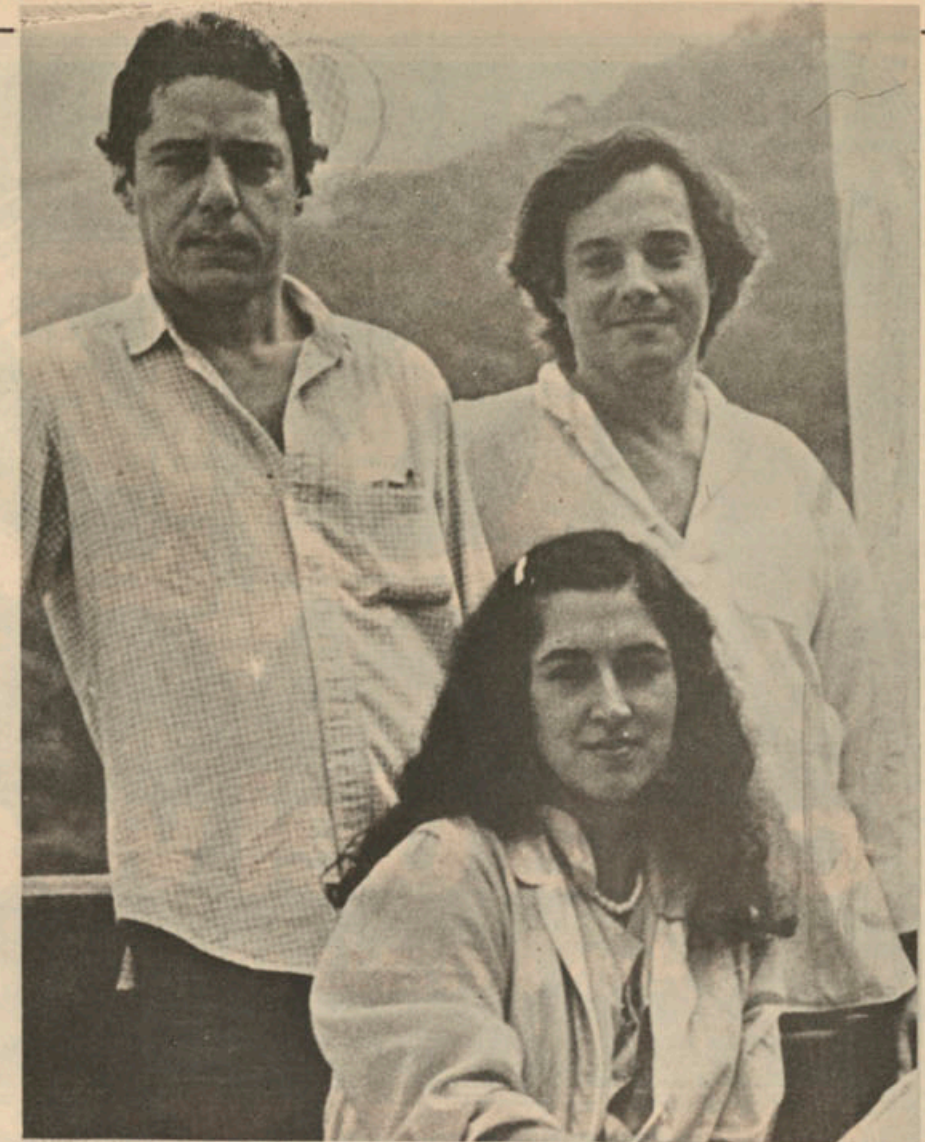
Chico — Algumas ficam um tempo assim, pendurada. Eu tenho uma dele, já com arranjo e tudo, que eu não consigo fazer letra. Nem para o outro disco dele, nem pra esse. Está aí, esperando até a hora que acontecer. E letra é assim mesmo. Às vezes não sai, às vezes incrua, fica pela metade e, às vezes sai fácil. "Trocando Em Miúdos" ficou um ano de atraso, alternado, faltando o final. E aí, já gravaram lá, arranjo e tudo.

Como aconteceu a letra de "Trocando Em Miúdos"?

Chico — Não tem história especial não.

E, os versos finais? (Nesse instante chega Olívia cumprimentando todos. Francis fala de sua pontualidade e lembra que perdeu a garrafa de uísque).

Chico — Não, aí eu comecei já com o Francis a fazer música. Quer dizer, é um golpe dele. Ele já grava arranjo e tudo. Eu já faço música pro arranjo pronto. Então, tem acontecido isso. Nesse último disco dele, por exemplo, as duas músicas que eu fiz já estavam com



arranjo pronto. Não tem sido ele mostrando no piano. Algumas são assim, "Trocando em Miúdos" foi assim. Mas algumas... não. "Trocando Em Miúdos", ele gravou arranjo e tudo, e ficou faltando esse pedacinho da letra. Aí eu estava na obrigação de fazer, não é?

Quais as vantagens e desvantagens de entregar assim o trabalho já pronto, com arranjo e tudo?

Chico — A vantagem, em primeiro lugar, é que o arranjo já dá uma idéia. Às vezes você está sem idéia para a letra e a música pura e simples não dá. Já o arranjo sugere mil coisas. Vantagem também porque você é obrigado a fazer letra (ri). Com aquele trabalho todo, você se sente na obrigação de fazer a letra. Não sei se isso é uma vantagem ou desvantagem. Agora, acontece também, o fato da letra contrariar o arranjo. Quer dizer, aconteceu com a música "Maravilha", que eu fiz a letra e Francis teve que mexer no arranjo depois — no bloco de percussão, ainda mais que era uma coisa do Caribe.

Francis — (lembrando, comenta). Não tinha idéia do que ia pintar não. Era um arranjo neutro.

Das parcerias com Francis, qual gosta mais, considera mais importante?

Chico — Acho todas, sabe? Não faço muita distinção. Tem músicas de diversos tipos, essas músicas líricas, de fossa, românticas: "Atrás da Porta", "Trocando em Miúdos". Há muitas divertidas, como "Quadrilha", "Meu Caro Amigo", "E Se...". Então, não dá pra comparar "E Se..." com "Trocando em Miúdos".

Já houve casos de você entregar letra e Francis musicar?

Chico — Não, isso eu nunca fiz.

Francis — Teve uma, "Desembolada", né?

Chico — Teve uma só, por acaso. Mas é uma coisa que eu não faço nunca. Essa aí...

Francis — ... Por que você já faz a letra e a música junto, não é?

Chico — Nesse caso da "Desembolada" foi porque a música estava difícil



casa del Vecchio

75 Anos servindo ao músico brasileiro

Desde o início de nosso século vendemos instrumentos musicais. Graças a nossa experiência, hoje somos conhecidos pelos melhores profissionais do setor. Se você ainda não conhece a nossa Loja e tem interesse em adquirir um instrumento ou acessório musical, faça-nos uma visita. Temos certeza de que você sairá satisfeito.

Possuímos grande variedade em equipamentos nacionais e importados.



CASA DEL VECCHIO
Matriz: Rua Aurora, 185 - Caixa Postal 611 e 2917
Fones: 221-0421 - 221-0189 - 220-8373 - São Paulo - Capital



de sair. Eu já fiz na métrica de uma rondilha, métrica de desafio. Então, não sabia.

O processo, a escolha de parceiros novos, como acontece?

Chico — Primeiro, depende de uma opção pessoal. É muito difícil receber uma fita de uma pessoa que eu não conheço, ou conheça pouco, e fazer a música em cima. É muito de bate papo. Por exemplo, essa primeira música "Atrás da Porta", foi numa festa, quer dizer, numa de tomar uísque e tal. A gente já estava ali e começamos a nos entrosar mais. Então sai mais fácil. Hoje pra fazer uma música com Francis é muito mais fácil do que qualquer outro parceiro. É o parceiro com quem eu tenho mais contato.

"Atrás da Porta" foi feita numa festa. O que idealizou, o que pensou naquele momento?

Chico — Só pensei na música. Não pensei na festa não.

Uma historietta, que buscou em termos de elementos para fazer aquilo? Como a coisa veio?

Chico — O processo é muito intuitivo. Não dá muito pra dissertar. Se eu for te explicar agora, eu vou estar sendo pouco sincero. Porque na verdade, depois que está pronto, é fácil dizer, 'bom, eu fiz...'. Na hora em que você está fazendo, você não tem um processo, não tem um método. Eu pelo menos não tenho algo que possa dizer, 'bem agora, eu vou fazer uma música a partir disso ou daquilo'. Não vem a partir de nada. Essas coisas acontecem. A não ser quando for fazer música pra filme, ou pra peça, música de encomenda mesmo, aí sim.

Você tem um tema ali, você tem que falar disso. "Passaredo", a história é a seguinte: um sujeito andando numa carroça, ou num cavalo mesmo, no meio de uma floresta e está vendo aqueles passarinhos que vão desaparecer. Bom, está aí um ponto de partida. Aí sim. Com "Atrás da Porta" não tinha nada, não era pra filme, não era pra nada. Era uma coisa que aconteceu.

Francis — (dirigindo-se a Chico). Eu me lembro, estava comentando que você no começo da letra chamou a Marieta e disse 'está pintando uma coisa meio estranha' e mostrou pra ela. Ela disse 'não é estranho, é muito bonito'. Lembra disso?

Chico — (comenta) As melhores coisas são as estranhas.

E esse trabalho novo que você está preparando, que composições tem em parceria com Francis?

Chico — Estava pensando agora nessa música que estou devendo a ele, essa letra. E na hora que começar a gravar e tal, sei lá. Quando Francis sentar nesse piano vai tocar umas quinze músicas, (rindo continua) aí eu vou mandar parar. 'Para aí, senão vai fazer confusão na minha cabeça. Sei lá, de repente ele toca...'. Às vezes não é nem a que você acha mais bonita, às vezes é aquela que te sujere alguma coisa na letra.

Existe uma identidade muito grande entre vocês. Que pontos comuns você apontaria? Voz, por exemplo, é muito parecida...

Francis — Eu não acho. Inclusive a gente até sente dificuldade quando trança lance de timbre, né?

Chico — O que pode haver de identidade é que tanto o Francis como eu somos da geração que seguiu a Bossa Nova. Tem aquela maneira de cantar, que é herdeira de João Gilberto. Maneira mais intimista de cantar, uma coisa assim. É aquela coisa do compositor que canta. Agora, não acho que seja parecido. (Nesse momento o telefone toca, e Chico vai atender).

Que pontos você citaria, Francis?

Francis — Em termos musicais?

Em termos de tudo...

Francis — Ah! em termos de tudo (acha graça). É muito genérico.

Nesse trabalho, qual vai ser tua participação no disco de Chico?

Francis — De Chico? Mais ou menos a mesma que nos últimos discos. Quer dizer, a partir de *Meus Caros Amigos*, depois *Cálice*, um pouquinho menos, na *Ópera do Malandro*. Eu faço os arranjos todos, vou tocar, reger. A gente começou ontem a planejar as músicas. Vão entrar algumas que já estão gravadas, que gravamos o ano passado. Umas vão ser aproveitadas. Tem três bolinhos, umas certas, umas incertas, umas...

Qual o clima que vocês vão dar a esse trabalho?

Francis — Não tem nada assim definido. Não existe ainda uma linha. Vamos gravando músicas assim, até a decisão final.

O trabalho de Meus Caros Amigos como é que surgiu?

Francis — Bom, a gente estava trabalhando bastante já em função da parceria do filme *A Noiva da Cidade* e aí não sei... Por que é que comecei a fa-





zer os arranjos do *Meus Caros Amigos*, Chico?

Chico — Foi por causa do filme. Começou com o negócio do filme quando...

Francis — do Alex!

Chico — Não, do *Dona Flor*.

Francis — Ah! Sim, certo.

Chico — Pelo menos foi na mesma época, esse disco que eu fiz. Eu havia feito "O Que Será" pro *Dona Flor* e Francis foi fazer a trilha do filme. Então, fazer a trilha do filme importa também em fazer arranjo pra música do filme. Já que ia fazer a música pro filme, por que não pro disco? Na mesma época eu estava fazendo esse disco, *Meus Caros Amigos*, e já emendou. Ao mesmo tempo que tinha umas músicas dele no disco. Umas três, não? (indaga a Francis). As músicas eram "Noiva da Cidade", "Passaredo" e "Meu Caro Amigo". Ele, como autor, natural que fizesse os arranjos. Aí foi pintando.

Chico, eu perguntava a Francis o clima do teu disco...

Chico — Não está ainda muito definido. Nem o repertório está definido ainda. O disco vai se definir mesmo durante a feitura. Sempre foi assim. A partir do repertório. Apenas metade está definido.

Esse trabalho que vocês fizeram para o filme foi encomenda. Então, como foi o trabalho de vocês?

Chico — Foi bom. Em *Dona Flor* fiz "Que Será".

Francis — Fiz trabalho em cima da trilha.

Chico — Em cima da imagem. Quando vocês fazem trilha, vocês escolhem o intérprete, ou não?

Chico — A gente pode, às vezes, sugerir e tal. Mas isso não depende da gente. *Noiva da Cidade* tinha que ser o próprio ator. Já *Dona Flor* não, porque não era cantado. A música aparecia sobre as imagens.

E nesse caso aí?

Chico — Simone cantou. Mas aí entra mil coisas. Eu achei ótimo a Simone cantar. Agora, às vezes tem implicações de gravadoras, 'não pode ser fulana por causa disso', não podia ser eu. Talvez porque a Simone, não sei se era da Odeon, ou de uma dessas. Pensei que fosse um Milton. Eu sei que a Simone eu não conhecia na verdade. Eu fui conhecer Simone, justamente nessa gravação. Não conhecia ela pessoalmente.

Como você idealizava a música, funcionando com que interpretação?

Chico — Com Simone tudo bem. Agora, têm várias gravações dessa música. Várias versões. Tem gravação minha com Milton, no meu disco, tem outra gravação do Milton comigo, no disco dele. A Simone gravou outra versão na música, outra letra, no disco dela.

O porquê de várias versões?

Chico — Preguiça (diz, não sem abrir um sorriso). Porque tinha que fazer uma música. Existia três situações e era necessário fazer música para aquelas três situações. Achei mais fácil fazer uma música só, com três letras diferentes, e três climas diferentes. Falei preguiça de brincadeira. Mas é interessante pe-

gar a mesma música e desdobrar as três, melodia e harmonia.

Francis — Em cinema funciona mais, você tem um tema só.

Chico — É por isso também. Cinema é um pouco, uma regra. Você tem que sair com a música na cabeça, um tema na cabeça. Essas coisas estabelecidas.

Quais os filmes que vocês fizeram a trilha?

Chico — Foi esse, no caso, eu fiz o tema e Francis fez a trilha do filme todo. *Noiva da Cidade*, *República dos Assassinos*, de Miguel Farias...

A música que Elba canta, "Não Sonho Mais", como é que surgiu?

Chico — Saiu do filme, justamente esse filme, *República dos Assassinos*.

Mas a letra?

Chico — É isso. Vem o sujeito e me dá... nesse caso não foi nem em cima da imagem. Foi em cima do roteiro. Li o roteiro. Precisava de duas músicas. Uma em determinada situação, outra para outra. Quer dizer, foi esse roteiro que sugeriu essa letra. Não é Joana? (Dirigindo-se para Joana, filha de Olivia e Francis que chega ao terraço. Ela deita no colo dele).



Francis — Joana, Toquinho lhe manda um abraço.

A interpretação de Elba era aquilo?

Chico — Era. Perfeito, um barato. Elba cantou em Angola essa música. O pessoal ficou assim 'puxa, aqui em Angola não tem esse tipo de voz'. Falaram que não conheciam. Eu disse que no Brasil também não tem não. (risos).

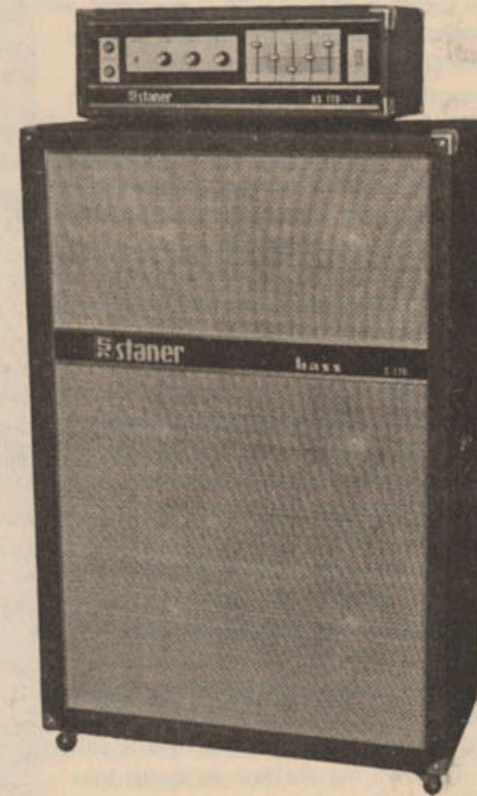
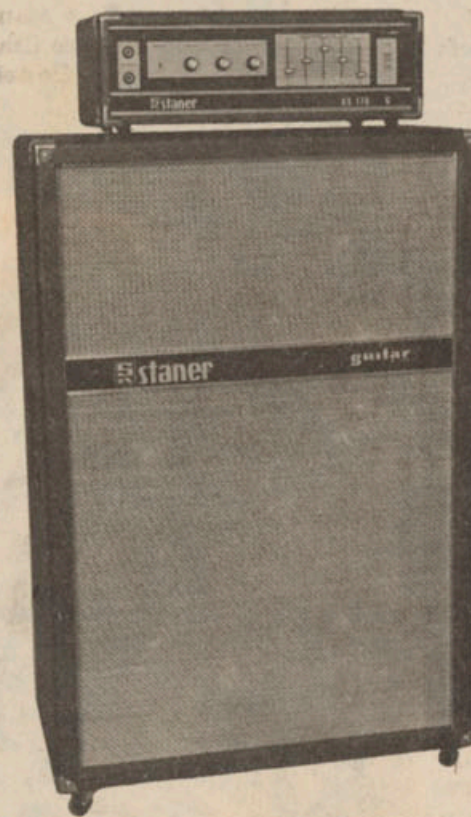
NÃO TROQUE MAIS VÁLVULAS...

SUBSTITUA SEU AMPLIFICADOR POR UM DESTES E ESQUEÇA AS DESPESAS DE MANUTENÇÃO

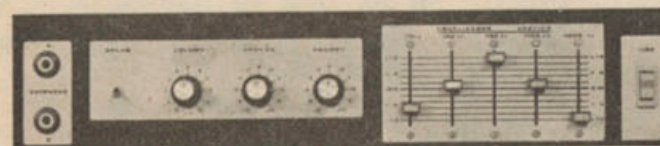
Os amplificadores STANER AS 170 G ou B para instrumento, assim como todos de nossa linha, funcionam a base de transistores e circuitos integrados, garantindo o mesmo desempenho com qualquer tempo de uso e sem aquecimento. As válvulas, como se sabe começam a perder rendimento a partir do momento que entram em uso, pois se desgastam, o que não ocorre com os componentes de estado sólido.

Após serem exaustivamente testados no palco por profissionais da música, apresentamos nosso lançamento com requintes inéditos no Brasil.

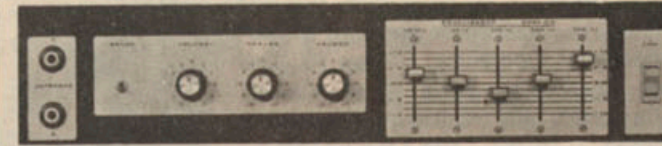
- EQUALIZADOR GRÁFICO — com atuação de acordo com a faixa de resposta do instrumento.
- POTENCIA COMPROVADA — de 164 Watts RMS.
- PRE E POTENCIA — desligavel possibilitando o uso em conjunto ou separado.
- SAIDA DE SINAL — de pré em nível adequado para alimentar mesas de som em ligação direta.
- FUNCIONAMENTO INSTANTÂNEO — e totalmente isento de roncos e chiados indesejáveis.



Staner
o som profissional



AS 170 G — Amplificador para guitarra ou teclados



AS 170 B — Amplificador para contra-baixo

Como você vê a voz de Elba?

Chico — Acho ótima. Ela cantando, aquela coisa estridente, não é? Meio estranho. Mas quando ela gravou isso, eu já estava acostumado (ri), porque ela estava trabalhando na *Ópera do Malandro*.

E o trabalho de vocês em teatro?

Chico — Fizemos o trabalho do *Rei de Ramos*, Francis fez o arranjo pro disco da *Ópera do Malandro*. Trabalhou na *Gota D'Água*, na remontagem. E a Geni.

E a televisão, fizeram algum trabalho?

Chico — Não.

Por que, não houve convite?

Chico — Não tem mais trilha de novela. Eles pegam as músicas dos discos e põem lá. Antigamente tinha. Eles encomendavam.

Francis — Eventualmente tem. Eventualmente encomendam.

Chico — A gente fez pra *Escrava Isaura*, mas é muito eventual isso.

Para o trabalho do compositor, a música acontecer numa novela, o que é isso? Quais os prós e contra disso?

Chico — A música acontecer em novela? A vantagem é que ela é executada à beça. Qualquer música que seja tema de novela é sucesso. Logicamente tanto que toca, tanto que toca, que bate no ouvido. A desvantagem pode ser essa mesma. Toca tanto que enjoa.

Ultimamente quais têm sido seus parceiros, além de Francis?

Chico — Fiz uma música há pouco com Djavan, fiz uma letra agora com Tom Jobim, fiz uma letra com Novelli.

Como se dá essa diversidade de parceiros? Cada parceiro tem uma coisa em particular, ou há um ponto comum em todos eles?

Chico — Não. Citei aí Djavan, uma coisa que não tem nada a ver com Francis e Novelli. Essa diversidade é boa porque me força a diversificar também. Estou esquecendo do Menescal, da música "Bye Bye Brasil". Fiz a letra também. Não tem nada a ver, é outro tipo de coisa. Também me obriga a ser outro tipo de letrista. Acho isso bom.

E Olívia, como é a parceria com Francis?

Olívia — É esporádica (Francis com ar de meninão dá um riso). É absolutamente esporádica. Pintou há dois anos, por acaso. E de vez em quando pinta assim uma música, que Francis me mostra. E indaga, 'está a fim de colocar letra? Então põe'. E eu sou muito lenta pra colocar letra. Fico assim dois meses trabalhando numa mesma idéia. Acho

que é falta de hábito. O que eu fiz? Fiz umas oito letras até hoje.

Quais as que considera mais importante?

Olívia — Não sei. Acho que sempre que a gente faz o último trabalho a gente gosta mais. Eu gosto muito dessas últimas letras.

Quais foram as últimas?

Olívia — Estão no disco do Francis, "Parintintin" e "Cinzas". Tem, no disco anterior dele, "Santa Teresa" que eu gosto muito. A gente só entrega para o parceiro, o que gosta, senão não entregaria.

A primeira parceria com Francis como aconteceu e como tem sido a maneira de trabalhar?

Olívia — Primeiro vem a música.

Faço a letra em cima da música. Bom, a primeira parceria... eu venho fazendo letras há uns oito anos, mas nunca entregava pra ele ver, porque eu fazia meio de brincadeira. Pegava as músicas que os parceiros já tinham feito, e trabalhava em cima para ver como eu faria. Fazia isso de farra, pra ver minha idéia. De curtição mesmo. Como a gente faz palavras cruzadas, paciência, eu brincava de fazer letra. Um belo dia, eu estava nessa brincadeira, num quarto ao lado, e Francis chegou. Perguntou o que era, pediu pra ver, e curtiu. Ficou me dando força. Falei que não tinha nada a ver. Ele não concordou, incitou, 'vamos fazer'. E eu gosto demais de fazer.

E, dessa parceria, a gravada primeiro?

Olívia — Foi "Meu Melhor Amigo", depois "Santa Teresa", "As Três Marias". Depois fizemos música para peça infantil, *O Menino e o Vento*. Veio também "Cinzas", que está no último disco e "Parintintin".

Fale do show!

Olívia — A direção foi de Benjamim Santos. O espetáculo é com Paulo Jobim, Nelson Angelo e eu. Nós três mostramos o trabalho individual de cada um. Eles mostram o trabalho deles, e eu canto coisas minhas e de outras pessoas, como Vinícius, Chico, Ivan Lins, Nelsinho, Paulinho, Gil.

E trabalho em disco?

Olívia — Disco ainda não. Fiz um compacto há um ano, e agora em outubro vou fazer uma produção indepen-

dente. Francis vai ajudar a produzir. E, o pessoal todo que está trabalhando comigo vai fazer ao meu lado. Esse trabalho será muito bom, porque vai dar possibilidade da gente seguir adiante. Nesse meu disco, tem muitos arranjos prontos, que vamos usar.

(É feito um intervalo para as fotos de capa. Olívia vai, rapidamente, transar o cabelo. Osmar aproveita o momento para fazer algumas perguntas a Chico).

Osmar — Estive agora em Lisboa e você tinha feito um show. Divulgaram bem Edu Lobo, MPB-4. Esse de Angola, quase ninguém falou por aqui. O que houve, o que aconteceu? Você toca bem lá, e a música brasileira?

Chico — É, foi pouco divulgado. Eles conhecem muito mesmo. Primeiro porque no período colonial, a cultura deles foi muito reprimida, então eles apelavam para a cultura portuguesa que não tem nada com isso, no início do século. Então, eles se identificavam muito com a música brasileira. Não só a música, eles curtem bem o Brasil. Agora mesmo, eles continuam ouvindo, porque chega lá muita coisa, vai a televisão pra lá, passa novela. Entende? Programas de televisão. Pinta muitos artistas por lá.

Osmar — E eles têm alguém na música popular deles. Alguém como você, e nós não sabemos?

Chico — É, a gente não conhece nada de música angolana. Tem muita coisa lá. Música, crioula, mingas...

Osmar — Cantando em português?

Chico — Não. Cantam em português, mas cantam também em dialeto. Eles cantam mais em dialeto que em português.

Você tem, ultimamente, organizado grupos e levado pra fora, não é? Como é que surgiu a idéia?

Chico — Não. Eu não tenho arranjado nada. Eu tenho participado de grandes shows. Inclusive porque eu não tenho mais feito shows sozinho. Há muito tempo que eu não faço. Isso acarreta boas intrigas — estar ensaiando, os músicos e tal. Eu prefiro outro tipo de trabalho.

Quer dizer que você não fez contatos com as pessoas para ir nesse último espetáculo?

Chico — Esse de Angola? Fiz, mas isso foi mais da direção, quer dizer, Fernando Faro foi o diretor do show. Fiz um contato inicial, com algumas pessoas. Depois a coisa começou a crescer. Pôxa, foram 60 pessoas — entre técnicos, e pessoal de produção, direção. Foi uma amostra de música. Ao mesmo tempo foi possível levantar fundos para a construção de um hospital. Foi um primeiro passo de intercâmbio maior e dinamismo cultural do Brasil agora. Visto eles terem mandado atores pra cá, artes plásticas.

De imediato existe alguma viagem programada?

Chico — Esse ano? Não. No próximo ano sim, estou pensando numa viagem para Cuba. Mas não tem nada assim concreto.

Olívia, o trabalho independente, como você vê?

Olívia — Você diz em disco? Olha eu ainda não sei muito não. É uma coisa nova que eu vou começar a pesquisar, conversar com as pessoas agora. O que





eu sei é em relação, quer dizer, eu acho que é um trabalho que se tem uma liberdade enorme, por um lado. Em termos assim de grana não. Porque você tem que se segurar muito mais. Pra mim, é o caminho de quase todo mundo começar a fazer esse tipo de trabalho.

(Chico, que havia se retirado do terraço, volta comentando sobre sua dor de cabeça 'só vai passar quando eu correr'. Ele já está pronto para participar de um torneio. Olívia comenta: 'tenho uma amiga que me ensinou uma coisa ótima, cheirar barbante'. Chico já sabia).

Esses trabalhos independentes, como é que você vê isso Chico?

Chico — Hum? Acho fantástico. Começou a ficar uma coisa meio romântica, meio alegre, pra provocar o maior reboliço.

(As fotos são finalmente tiradas, e Chico se retira para o futebol — que desde o dia anterior ele comenta).

A iniciação musical como aconteceu Olívia?

Olívia — Bem, minha transação com música começou assim aos onze, doze anos. Quando comecei a tocar violão e a cantar e compor. Aquelas coisas que a gente faz em ginásio. E, a partir daí, comecei sempre a estar em contato com músico, enfim, a ficar ligada a isso. Comecei a estudar teatro, tablado, essas coisas assim. Eu fazia shows em te-

levisão, em recitais, eventualmente. Era uma coisa muito picada. Até então eu não tinha me profissionalizado. Comecei a meter a cara mesmo e trabalhar muito assim, de quatro anos pra cá. Comecei a fazer shows, produzir discos de Francis, fazer letra, cantar e estudar, inclusive. Dei uma estudada muito boa, de flauta, de música, e tudo, de 4 anos pra cá.

Há quanto tempo você é casada com Francis?

Olívia — Há onze anos. Tenho três filhas, Luiza, de 4 anos, Joana, de 6 anos e Maria, de 8 anos. As duas mais velhas começaram agora a tocar piano. Estão se interessando por música, ficam tocando violão. A mais velha fica querendo dar acordes em violão. E começaram a estudar agora, mas por iniciativa própria. A gente dá uma força assim, intelectual. Agora, esse negócio de disco independente, tem pessoas assim, como Danilo Caymmi, Antônio Adolpho, que são pessoas que estão muito por dentro desse lance. E que estão dizendo 'Olívia faça'. Porque além de ser uma coisa boa, um barato incrível fazer uma produção independente, tem um negócio da bola de neve, quanto mais pessoas fazem esse tipo de trabalho, mais você abre a possibilidade de outras virem atrás. Por exemplo, os lojistas estão encarando o disco independente com muito mais seriedade do que no primeiro disco — quando Antônio Adolpho ia de loja em loja vender os lances dele. E conseguiu assim, com uma tenacidade enorme. Ho-

je em dia os lojistas já não vêm o disco independente como uma loucura, haja visto o Boca Livre, que vendeu assim uma beleza, e fez muito sucesso. Adquiriu um público fantástico. E também, porque de repente está difícil você coordenar um trabalho que você quer fazer com as gravadoras. Então, já que dá pra fazer o tipo de trabalho que eu quero agora, nesse momento, vou fazer um disco no princípio do ano. Você sabe a hora que está precisando fazer o seu trabalho. Porque fica sempre assim, na mão, com a gravadora. E você escuta 'não, agora não é a oportunidade de você fazer o teu trabalho, porque está pintando muita mulher aqui, muita mulher lá'. Você não quer saber, você quer fazer.

(Francis volta e diz pra Olívia, 'Marieta mandou um beijo').

Francis, fale da feitura do disco.

Francis — Esse disco foi saindo um pouco como os outros têm saído. Comecei a partir de algumas músicas que eu tinha, de algumas letras já musicadas. Já tinha idéia de fazer um especial. Estava programado. E tinha também, um bom espaço do outro — um ano e meio. Começou ainda a pintar muitas músicas com Cacaso, tinha umas músicas com Chico, outras com Olívia. Esse disco chega, não ao final do processo, mas quase ao ponto que venho buscando há algum tempo. Desde *Passaredo* que era uma diversificação maior da minha música. Antigamente eu tinha uma coisa mais baseada na harmonia, na melodia. Mas o ritmo eu restringia, ou a canções, ou a sambas. Depois de *Passaredo*, eu comecei a pensar em outros ritmos. Tanto que nesse disco pinta baiões, chorinhos, marchas, valsas, toadas, canções, todo tipo de sambas-canções, sambões, etc.

O que levou você a essa diversificação?

Francis — Foi uma coisa intencional mesmo. De eu achar que podia explorar. Tinha vontade de compor coisas diferentes. Aliás, isso vem da música brasileira mesmo, que é muito bonita. Você tem ritmos, tons diferentes, uma amostragem tão grande. Então, o compositor brasileiro naturalmente compõe em vários estilos. Só um ou outro tem uma direção para um só tipo de música.

O interesse pela música, como aconteceu?

Francis — Primeiro comecei a estudar piano, obrigado. Tinha seis anos de idade. E, realmente não tinha interes-



se. Meu interesse concretamente comecei quando fui para a Europa e comecei a estudar piano, por coincidência. Fui para a Europa com 16 anos, fazer um curso correspondente ao científico daqui; mas que lá, dá acesso direto à universidade. Comecei a fazer engenharia lá. Comecei também a pensar muito em música clássica e a gostar. Me interessei. Ia a muitos concertos. Eu pegava um trem e em cada semana ia a uns três concertos. Ia com amigos, ou sozinho. Comecei realmente a curtir música. E foi aí a minha primeira influência mais forte. Mais forte talvez até que a música popular brasileira. A música que eu ouvia era a música romântica, erudita, Beethoven, Brahms. Eu gostava de tocar piano popular, antes. Tocava e cantarolava as músicas populares da época. Então, eram os dois elementos se incutindo no meu gosto. Quando voltei ao Brasil, estava começando a Bossa Nova. Lembro que a primeira vez que vi um clima desse, de Bossa Nova, foi numa gravação de Agostinho dos Santos, *Felicidade*. Linda, um negócio inteiramente diferente. E bateu muito forte. Quando voltei, comecei a me entrosar. Não com as pessoas. Pois só tinha conhecido Vinícius, numa festa, na casa de minha mãe. Mas por uma noite, um negócio assim esporádico. Eu não conhecia ninguém. Só a partir do verão de 62 é que tomei contato maior com Vinícius, através de um amigo. E com o pessoal que estava começando, Edu, Caymmi, Marcus Vale, Luiz Eça, toda essa turma. Aí, comecei a compor. Já compunha, mas eram coisas sem muita forma, sem estrutura. De repente eram três músicas numa só. E, através do "Sem Mais Adeus" (que é a primeira música minha e do Vinícius) que eu comecei a dar uma estruturada na minha música.

A parceria com Vinícius como aconteceu?

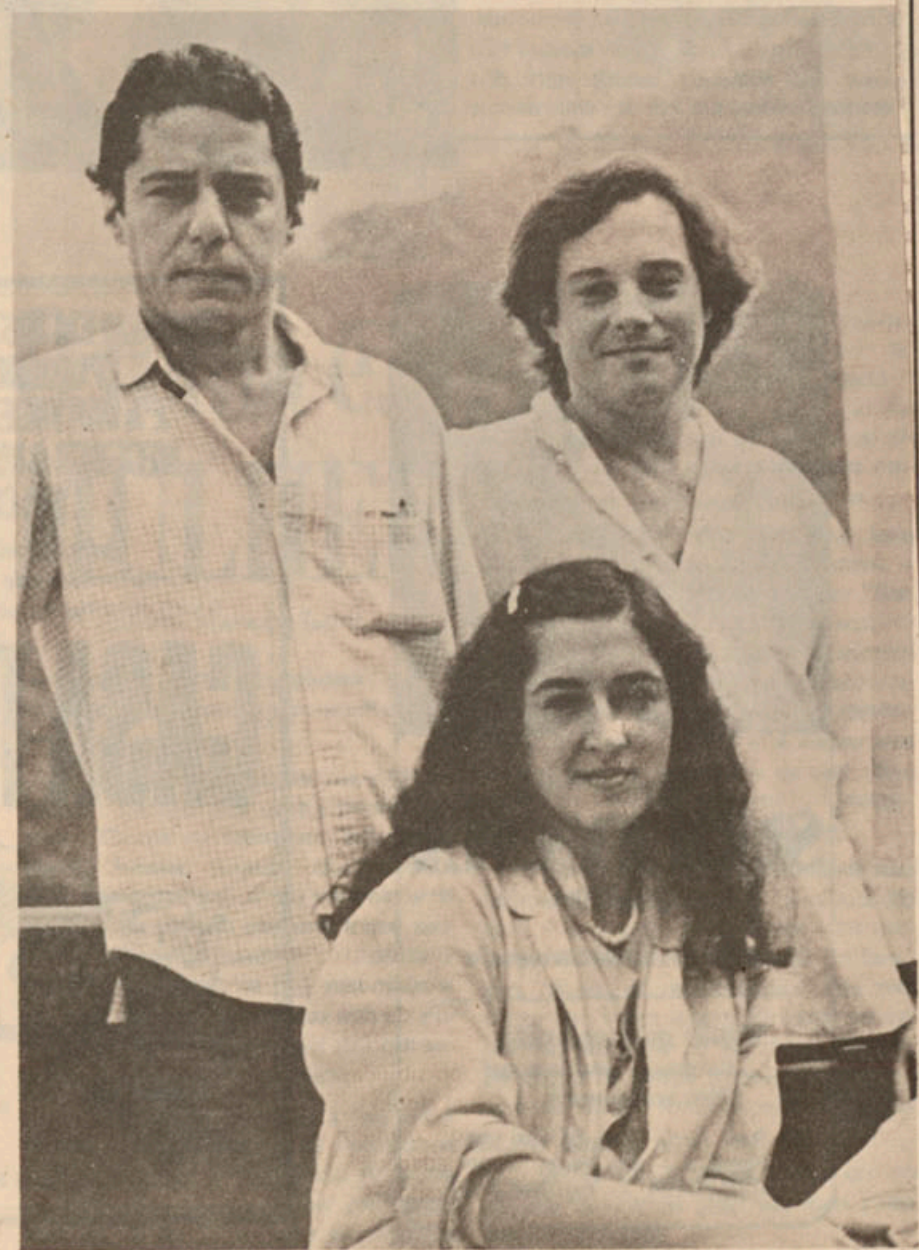
Francis — Dessa forma: a gente se conheceu nessa festa. Ele era amigo de minha mãe e anos mais tarde a gente se encontrou em Petrópolis, num verão. Havia muita gente, e no final do verão ele tornou a aparecer com essa letra. E aí começou a me incentivar muito a compor. Daí, realmente comecei a admitir. Tem início então, minha carreira como compositor. E ele puxava muito mais o meu lado popular. Assim, aconteceu "Teresa Sabe Sambar". Fazíamos canções também. E, Ruy Guerra que veio um pouquinho depois, puxava mais o meu lado sofisticado. Canções assim como "Minha". Havia esses dois lados. Depois pintou o Paulinho Pinheiro. Agora o Cacaso é o mais recente. E Cacaso tem um peso muito grande, a gente tem

feito muita coisa junto. As duas primeiras músicas foram "Terceiro Amor" e "Elas por Elas" — essa gravei no último disco.

Na parceria com Olívia, o lance doméstico facilita?

Francis — Facilita no sentido que a gente está muito em contato. Gerilmente eu faço a música primeiro, e ela faz a letra e me mostra. E conversamos muito. Às vezes partimos até para uma coisa inteiramente diferente. Como era o caso de "Parintintin", que antes de ser um baião, era um lamento. Era uma toada e eu tocava ela muito bem. De repente, comecei a tocá-la de uma maneira mais árdua, mais frenética. Então o clima mudou inteiramente.

Quais as diferenças existentes entre esses quatro discos?



Francis — Há mais uma diferença no primeiro elepê, que nos outros três. Porque, o primeiro foi um disco que de uma certa forma foi adiado. Adiado como toda minha carreira foi. Quando comecei a compor, em 73, eu fazia engenharia. Eram duas coisas, engenharia e música. Então, eu nem assumia a engenharia, nem a música. Não passava muito pela cabeça fazer música, viver só de música. Apesar de ter o incentivo dos meus pais. Pra falar a verdade, eles me incentivaram muito a fazer música. Mas eu só sosseguei, só fiquei seguro mesmo, a partir do momento em que me formei (ri). Então, tudo foi sendo adiado. Cheguei até, numa ocasião, a dar início a feitura de um disco na RGE. Músicos estavam marcados, os arranjos prontos e, desmarquei tudo, um pouco antes de viajar para os Estados Unidos, em 69. Aí eu poderia dizer que era mais fácil ir para os Estados Unidos sem o compromisso de contrato. Então achei melhor não gravar. Fui adiando. Quando voltei dos Estados Unidos, em 73, dez anos depois



do início da minha carreira, fiz o elepê. Quer dizer, aquele disco representa um apanhado desses dez anos de seleção, e sobretudo, é a primeira obra. Nela você põe tudo. Então, há uma carga imensa de ansiedade. É um disco que eu gosto muito. Mas é um disco bem diferente dos outros. Os outros trabalhos foram mais amadurecidos. Foram saindo na época que tinham que sair, não havia ansiedade, tensão. E, *Passaredo* e *Se Fosse Porém* são discos que fazem parte de um período em que passei a me preocupar com a diversificação e em que houve popularização maior da minha música. Aconteceu a parceria com Chico, que além de popularizar minha música, me tornou conhecido. Então, acho que esses três discos são um mesmo disco. Não há uma diferença. Há um amadurecimento claro, de um pra outro. Acho que o quarto vem melhor que o terceiro, que vem melhor que o segundo, que vem melhor que o primeiro. Acho um disco mais equilibrado. Preocupado com variedade de orquestração.



Shiguemitsu
SUGUIYAMA
 — Luthier —

* Sob Encomenda

Violão de Artesanato
 • Categoria Internacional
 • Fino acabamento

Rua Artur Saboia, nº 192
 Paraíso — São Paulo — SP
 CEP 04104 — Tel: 544.3762

**TAMBÉM EM INSTRUMENTOS MUSICAIS,
 EXPERIÊNCIA AJUDA MUITO.
 E A VANTAGEM É SUA, QUE PODE
 RECEBER A MELHOR ORIENTAÇÃO
 NA COMPRA DE:**

- amplificadores • mesas de som
- instrumentos de sopro • violões e guitarras
- instrumentos de percussão • cordas e acessórios

CASA TOMMASI



72 anos de experiência
 para lhe atender melhor

Viaduto Santa Ifigênia, 255
 Telefones: 228-8136 — 228-9194
 C. Postal 3030 — CEP 01207 — São Paulo — SP

VEJA 82-0219